



CENTRO UNIVERSITÁRIO DO ESTADO DO PARÁ
PRO-REITORIA DE GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA

**RELATOS DA MATERNIDADE: EXPECTATIVAS E ESCOLHAS A PARTIR DA
NARRATIVA DE MULHERES**

Aluna: Dalila Clementino de Vasconcelos

Orientação: Profa. Dra. Zakiee Castro Hage

BELÉM – PARÁ

2024

RESUMO

Esta pesquisa buscou compreender as percepções de mulheres, mães e não mães, analisando como a maternidade continua central na vida das mulheres contemporâneas, apesar das mudanças nos papéis de gênero ao longo dos séculos. O estudo revisou brevemente a evolução histórica da percepção da maternidade como uma construção social. A análise temática dos relatos das participantes revelou mudanças nas percepções atuais, mostrando a persistência de expectativas sociais e a complexidade do papel materno. Os resultados indicam a necessidade de ampliar o debate sobre a maternidade, tratando-a como uma experiência subjetiva e multifacetada, e não como uma função intuitiva e universal. O estudo reforça a importância de entender a maternidade como uma construção social, moldada por diferentes contextos individuais e culturais.

Palavras-chave: maternidade, construção social, escolhas.

ABSTRACT

This research aimed to understand the perceptions of women, both mothers and non-mothers, highlighting how motherhood remains central in the lives of contemporary women, despite changes in gender roles over the centuries. The study briefly reviewed the historical evolution of motherhood as a social construct. The thematic analysis of participants' narratives revealed current shifts in perceptions, emphasizing the persistence of social expectations and the complexity of the maternal role. The findings suggest the need to broaden discussions on motherhood, viewing it as a subjective and multifaceted experience rather than an intuitive and universal function. The study underscores the importance of understanding motherhood as a social construct shaped by various individual and cultural contexts.

Keywords: motherhood, social construction, choices.

SUMÁRIO

Resumo	2
Abstract	2
Introdução	3
Objetivos	9
Geral	9
Específicos	10
Método	10
1. Tipo de Estudo	10
2. Local do Estudo	11
3. Participantes	11
6. Análise de Dados	13
Análise dos Resultados	13
Maternidade: Entre Autonomia e Transformações	13
Maternidade: Entre o Ideal e o Real	16
Impactos Profissionais Associados à Maternidade	19
A Maternidade como Experiência Humana	21
Considerações Finais	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26
APÊNDICES	32

INTRODUÇÃO

Cada ser humano tem sua origem em uma mulher. Embora essa informação seja óbvia para compreender a maternidade, é crucial destacar que a capacidade de gerar um indivíduo não deve impor a todas as mulheres a obrigação de exercer a maternidade. Não é incomum encontrar no imaginário coletivo a percepção da maternidade como um objetivo essencialmente feminino, seja a partir da crença no desejo inerente de toda mulher em cuidar, proteger e assumir responsabilidades significativas para o desenvolvimento de um ser humano ou por meio da imposição do papel de mãe como um valor a ser alcançados pelas mulheres para que sejam validadas e reconhecidas socialmente. Para Donath (2017), a famigerada descrição da “natureza feminina” é usada para justificar a obrigação das mulheres de assumir a maternidade, além de ser utilizada para reforçar a existência de um instinto materno congênito.

O termo "mãe" engloba diversas interpretações, representando a mulher que deu à luz, aquela que assume a responsabilidade materna sem ser a genitora biológica, e até a figura legal que pode não estar ativamente envolvida na criação da criança (Iaconelli, 2023). Essa definição de "mãe" está associada ao mito de que a genitora biológica é o padrão ideal de mãe, presumindo que ela possua atributos naturais para a maternidade. No período Colonial (1500 a 1822) e no Império (1822 a 1889) do Brasil, quando o sistema escravocrata estava em vigor, expressões como "mãe só tem uma" eram utilizadas para distinguir a mãe biológica das amas de leite, amas-secas e babás, que desempenhavam de fato o papel de cuidadoras. Essas expressões têm perdurado ao longo do tempo e ainda são usadas hoje, refletindo aspectos históricos culturais (Del Priore, 1990).

Nas últimas décadas, tem-se contemplado notáveis deslocamentos sociais, caracterizado pela crescente inquietação em relação aos tradicionais modelos de valores associados aos gêneros femininos e masculinos vigentes no corpo social (Novelino, 1988).

Para abordar tais transformações sociais, torna-se pertinente iniciar a análise a partir do contexto histórico da Revolução Industrial, período de intensas mudanças no funcionamento da sociedade devido ao crescimento demográfico, ao surgimento da classe trabalhadora e à divisão entre o espaço público e privado.

Dentre as transformações do século XVIII, a criação do mercado de trabalho e a passagem de uma economia agrária-rural-familiar para urbana-fábrica (Lipovetsky, 2000) é a que mais interessa para o tema presente neste trabalho. Tendo em vista que o âmbito público, referente ao trabalho, esteve fortemente associado ao identitário masculino, marcado pelos ideais de contrato social e de “igualdade”, enquanto o espaço privado continuou marcado pelo aspecto da natureza, sendo delineado como substancialmente feminino pelo fato da mulher possuir atributos que a levam a procriação, ou seja, um útero (Zanello, 2018). Deste modo, concebeu-se, assim, “uma divisão sexual do trabalho pelo contrato de casamento”, isto é, não foram considerados aspectos que visassem a igualdade de gênero diante da divisão realizada (Beauvoir, 1949/2014). O contrato estabelecido pela sociedade durante os séculos passados atribuía às mulheres papéis relativos à condição biológica com o argumento de que, com o crescimento industrial, tornou-se cada vez mais imperativo assegurar uma disponibilidade de mão de obra numerosa e barata.

Além do indispensável papel social da mulher em “dar à luz”, as expectativas em relação à maternidade começaram a se modificar ao longo dos séculos, passando a exigir um olhar atento para a subjetividade do bebê, que, anteriormente, era visto como um “adulto em miniatura” e a partir dos séculos XVII-XVIII, passou a ser compreendido como um ser em desenvolvimento, distinto dos adultos (Ariès, 1978). Ademais, Zanello (2018) ressalta a evolução do discurso médico em relação ao “instinto materno”, que se tornou mais complexo a partir da década de 1920, com o advento da “maternidade científica”. À medida que as citadas transformações ocorreram em relação ao entendimento da maternidade, cada vez mais

a sociedade passou a exigir das mulheres uma maternidade virtuosa, caracterizada pelo desprendimento da mãe de sua subjetividade em prol das suas responsabilidades para com os filhos. A repercussão destes ideais sustentam a promessa de alcançar uma plenitude de felicidade, como alude o bem conhecido dito popular: “ser mãe é padecer no paraíso.” (Zanello, 2018).

Considerando o contexto exposto, observa-se um aumento nas exigências sociais sobre a conduta das mulheres e a idealização da maternidade como forma de empoderamento. Algumas mulheres perceberam que, ao desempenharem tarefas familiares essenciais, adquiriram uma importância social significativa, acreditando conquistar o respeito e reconhecimento dos homens por sua utilidade e especialidade (Badinter, 1985). As transformações sociais reformularam o conceito de maternidade, alterando a percepção das responsabilidades na criação dos filhos e destacando o papel das mulheres na construção do núcleo familiar. Além disso, a regulação dos sentimentos maternos está intrinsecamente ligada a conceitos culturais, exigindo que a "boa-mãe" ame incondicionalmente seus filhos, exiba graça e aprecie o sofrimento como parte inevitável da vida materna (Donath, 2017).

Nas últimas décadas, o avanço dos ideais feministas e o desenvolvimento de anticoncepcionais eficazes impulsionaram a participação das mulheres nas esferas política e econômica (Fernandes & Lacerda, 2012; Zulato-Barbosa & Rocha-Coutinho, 2012; Farinha & Scorsolini-Comin, 2018). Esse contexto questiona o desejo genuíno pela maternidade frente às diversas possibilidades de experiências muitas vezes incompatíveis com o papel de mãe. Assim, a maternidade pode ter se tornado menos prioritária ou até não atraente para mulheres contemporâneas, desafiando expectativas sociais e destacando a necessidade de apoio e respeito às suas decisões. Zulato-Barbosa e Rocha-Coutinho (2012) ressaltam que, historicamente, a associação entre características femininas e maternidade resultou em discriminação contra outras escolhas femininas.

Ao abordar o ideal coletivo de maternidade no contexto atual, é essencial considerar a "fase da adultez plena" no desenvolvimento humano. Tal conceito é relevante ao selecionar mulheres adultas como foco deste estudo, pois, de acordo com Mosquera e Stobäus (1982), a "fase da idade adulta jovem plena" (25-35 anos) é um período de sensibilidade à transição para a maturidade, onde busca-se um significado pessoal mais profundo. Nesse sentido, a maternidade emerge como um valor social importante, atuando como mecanismo de afirmação identitária e integração social. Este aspecto é particularmente evidente durante a fase da idade adulta jovem plena, quando os jovens adultos buscam validação social e avaliação positiva com base em seus conhecimentos e experiências acumulados (Santos e Antunes, 2007).

A discussão sobre o desejo de se tornar mãe surge inevitavelmente na trajetória das mulheres. Muitas são pressionadas a considerar a maternidade, independentemente de seus desejos pessoais. Mulheres que optam por não ter filhos frequentemente enfrentam críticas por desviarem do que é visto como o destino natural feminino (César; Loures e Andrade, 2019; Correia et al., 2023). Essa dinâmica ressalta a necessidade de compreender a construção social da maternidade, que não deve ser reduzida a um papel de prestígio. Para Colares e Martins (2016), os conceitos de maternidade, vinculados ao amor e ao cuidado, estabeleceram valores ideais. Discursos culturais ao longo das décadas moldaram esses valores como verdades absolutas, influenciando a identidade feminina.

Concomitantemente, deve-se levar em consideração o nível de "liberdade" que as mulheres vivenciam para aprofundar o ponto de vista do presente estudo. Enquanto a ideia de que todas as mulheres se tornam mães por força da natureza está arraigada em conceitos de determinismo biológico, a concepção de que as mulheres se tornam mães por escolha própria é, em parte, uma criação moldada pela modernidade, pelo capitalismo e pelas políticas neoliberais, sob o argumento de que esses fenômenos progressivamente reconhecem o direito

das mulheres à autodeterminação sobre seus corpos, escolhas e futuros (Donath, 2017). No entanto, é necessário analisar o funcionamento da “livre e espontânea escolha pela maternidade”, avaliando aspectos sociais presentes para que de fato essa escolha seja oriunda do querer autêntico das mulheres.

Embora muitas mulheres enfrentem influências e expectativas sociais em relação à maternidade que podem limitar sua liberdade de escolha, algumas estão fazendo a opção consciente de não exercer a maternidade. Isso reflete a complexidade da dinâmica entre a evolução das expectativas sociais e a crescente liberdade de escolha individual em relação à maternidade (Abranches, 1990). Ao analisar a evolução do papel da mulher na sociedade em relação à maternidade, observa-se uma tendência significativa de redução na quantidade de filhos ao longo das gerações. Essa mudança se reflete em questionamentos cada vez mais pertinentes acerca da decisão de conceber ou não prole. Historicamente definida primariamente como esposa e mãe, a mulher contemporânea encontra-se com uma posição social destacada que não mais vinculada aos papéis familiares tradicionais.

Refletir sobre a maternidade na atualidade exige consideração acerca das características intrínsecas à contemporaneidade. A complexidade da velocidade, praticidade e liquidez está presente no século XXI. Nesse sentido, as mulheres passam por um processo de redefinição em meio às contínuas transformações históricas que têm influenciado profundamente o seu papel na sociedade. A Revolução Sexual trouxe consigo uma nova perspectiva sobre a mulher, estimulando a adoção de estratégias de vida diferentes, a assunção de múltiplos papéis, a emergência de novas questões e o despertar de desejos distintos (Aguilar, Silveira e Dourado, 2011; Colares e Martins, 2016).

Perante as transformações sócio-político-afetiva vigentes na atualidade, é notório que muitas mulheres direcionam seu foco para suas carreiras e buscam ascensão financeira,

levando a maternidade para uma posição secundária ou excluindo-a devido aos conflitos com suas ambições pessoais (Emídio e Gigek, 2019). Não obstante, apesar da promoção ativa do progresso profissional feminino, as mulheres atuais ainda enfrentam o dilema da decisão em relação à maternidade. Aquelas que optam por não se tornar mães frequentemente se veem submetidas a questionamentos e pressões provenientes de várias estruturas sociais.

Atualmente, observa-se um número crescente de mulheres que ponderam cuidadosamente a decisão de ter ou não filhos, o que reflete uma maior valorização das escolhas individuais e uma redefinição dos papéis femininos. A decisão de se tornar mãe, ou de optar por não exercer a maternidade, envolve uma teia de fatores psicológicos e sociais, que transcendem simples escolhas pessoais.

Esta pesquisa se propôs a examinar, mesmo que de maneira sucinta, a construção social da maternidade através das narrativas de mulheres, tanto aquelas que são mães quanto as que optaram por não ter filhos. A relevância deste estudo reside na compreensão da maternidade como uma construção social complexa, buscando desvelar as múltiplas camadas que compõem o papel materno e explorar a autopercepção das mulheres.

OBJETIVOS

Geral

Compreender a construção social da maternidade a partir da autopercepção de mulheres adultas emergentes mães e não mães.

Específicos

- a) Descrever brevemente a evolução do ideal social materno até a atualidade;
- b) Buscar compreender as percepções sobre a maternidade de mulheres que tiveram filhos e mulheres que optaram por não ter filhos, a partir de entrevistas semiestruturadas.

MÉTODO

1. Tipo de Estudo

Este estudo configurou-se como uma pesquisa transversal, descritiva e com abordagem qualitativa.

2. Local do Estudo

A pesquisa foi conduzida de forma virtual, utilizando um questionário eletrônico desenvolvido na plataforma *Google Forms*. O formato foi escolhido para facilitar a captação do público-alvo por meio de canais digitais (*Instagram, WhatsApp e Facebook*). Após a inscrição das participantes através do *Google Forms*, foram agendadas entrevistas para coleta de dados por meio de videochamadas realizadas no *Google Meet*.

3. Participantes

Adotou-se uma amostra por conveniência, envolvendo 8 mulheres, sendo 4 mães e 4 mulheres que não demonstram interesse pela maternidade.

- a) **Critérios de inclusão:** mulheres adultas de 25 a 35 anos, mães e não mães.
- b) **Critérios de exclusão:** foram excluídas da amostra mulheres fora da faixa etária estabelecida, que não preencheram o TCLE, o Termo de Autorização de Gravação de Voz e Vídeo e que não preencheram todos os campos dos formulários de coleta.

4. Instrumentos e Materiais

Para a realização da pesquisa, foram utilizados os seguintes instrumentos:

- a) **Formulário de inscrição:** A coleta inicial de participantes foi realizada através de um formulário no *Google Forms*, desenvolvido para avaliar a elegibilidade das interessadas com base nos critérios estabelecidos. O formulário possuía um cabeçalho informativo detalhando o propósito da pesquisa e os próximos passos, incluindo

aspectos como idade, status de maternidade, interesse em ter filhos e informações de contato (APÊNDICE E).

- b) **Entrevista semiestruturada:** A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas (APÊNDICE F). Esta abordagem foi escolhida para obter uma visão detalhada e abrangente acerca das experiências que permeiam a individualidade das participantes. O guia da entrevista continha 17 perguntas, divididas em dois blocos: o primeiro abordava aspectos sociodemográficos (idade, estado civil, escolaridade, profissão, renda familiar, religião e presença de filhos), e o segundo explorava a narrativa pessoal das participantes em relação a maternidade, incluindo motivações, percepções sociais, redes de apoio e autoimagem. As entrevistas foram conduzidas de forma a preservar a anonimidade das participantes e as respostas foram categorizadas para análise temática.

5. Coleta de Dados

A coleta de dados ocorreu na modalidade virtual. Inicialmente, um formulário foi disponibilizado no *Google Forms* para inscrição das interessadas. Após o preenchimento e a confirmação de que as participantes atendiam aos critérios de inclusão, foram agendadas as entrevistas por videochamada no *Google Meet*. A divulgação da pesquisa foi realizada por meio das redes sociais da autora, e-mails e aplicativos de mensagens, com um convite explicativo e link para inscrição (APÊNDICE B).

A amostra final foi constituída por 8 participantes, equitativamente distribuídas entre mães e mulheres que manifestaram desinteresse pela maternidade, com idades variando entre 28 e 33 anos.

A coleta de dados seguiu as seguintes etapas:

Etapa 1: Foi enviado o TCLE e o Termo de Autorização para Gravação de Voz e Vídeo (APÊNDICES C e D), explicando os detalhes da pesquisa, direitos das participantes e o uso das gravações.

Etapa 2: Após a confirmação da participação, as participantes foram orientadas sobre o procedimento da entrevista semiestruturada. As entrevistas, com duração média de 20 minutos, foram conduzidas após a assinatura dos termos mencionados. A confidencialidade e a ética na coleta dos dados foram rigorosamente observadas.

O estudo foi conduzido de acordo com a resolução 466/12, que assegura os direitos e deveres dos participantes de pesquisas científicas, respeitando a dignidade e a preservação da identidade dos participantes. Para garantir a anonimidade, foram utilizados nomes fictícios ao se referir às entrevistadas. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi fornecido, contendo informações essenciais sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, bem como os riscos e benefícios envolvidos. A pesquisa recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob o parecer nº 6.683.388.

6. Análise de Dados

A análise dos dados foi conduzida utilizando a análise temática, uma abordagem qualitativa que visa a identificação, análise e interpretação de padrões nos dados qualitativos (Souza, 2019). As entrevistas foram transcritas e, a partir dessas transcrições, foram identificados quatro temas-chave. Os temas significativos identificados incluíram: “Maternidade: Entre Autonomia e Transformações”, “Maternidade: Entre o Ideal e o Real”, “Impactos Profissionais Associados à Maternidade” e “A Maternidade como Experiência Humana”. A interpretação dos dados foi feita com base nas questões de pesquisa, com um registro detalhado das entrevistas para garantir a consistência e rastreabilidade dos resultados.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

MATERNIDADE: ENTRE AUTONOMIA E TRANSFORMAÇÕES

A maternidade representa um momento singular na vida da mulher, abarrotado de expectativas e emoções, e sua experiência pode variar amplamente de uma pessoa para outra (Piccinini, Gomes, Nardi & Lopes, 2008). A discussão sobre individualidade e autonomia na maternidade é primordial para entender como as mulheres vivenciam suas identidades dentro do contexto das demandas sociais e das expectativas em relação ao papel materno. Apesar da literatura indicar mudanças significativas nas representações sociais da mulher e da maternidade (Badinter, 2010; Barbosa & Rocha-Coutinho, 2007), ainda é possível identificar determinadas pressões sobre o desejo feminino de ser mãe, que frequentemente entram em conflito com as ambições profissionais e a busca por realização pessoal (Antoniazzi, 2021).

A análise das narrativas de vida fornecidas pelas participantes deste estudo demonstrou que, apesar das transformações históricas e sociais, a expectativa de maternidade como um destino natural continua a influenciar as decisões das mulheres. Entre as participantes mães, apenas duas tiveram a gestação planejada, enquanto as demais se tornaram mães sem planejamento prévio. De acordo com Zanello (2018), mesmo com as transformações históricas que ocorrem no âmbito ocidental, o desejo feminino de ser mãe ainda é fortemente cobrado, muitas vezes silenciosamente, como um destino natural que deve ser vivenciado pelas mulheres independentemente das suas motivações.

Esse contexto pode ser caracterizado por uma coexistência de novas representações e valores tradicionais. Barbosa e Rocha-Coutinho (2007) destacam que, na contemporaneidade, as mulheres enfrentam a contingência de equilibrar carreiras profissionais e vida familiar, o que cria um dilema entre a realização profissional e a dedicação à maternidade. Desse modo, as mulheres são cada vez mais desafiadas a cumprir papéis que exigem tanto o sucesso em

suas carreiras quanto envolvimento intenso na criação dos filhos, levando a um cenário de contradições e conflitos internos.

Dado o exposto, para as participantes que optam por não assumir o papel materno, a individualidade e a autonomia estão frequentemente associadas ao desejo de manter a identidade pessoal sem se submeter às exigências relacionadas ao cuidado integral de um filho. Raquel expressa essa perspectiva ao afirmar: “Não consigo enxergar aquela etapa que é, na verdade, pra vida inteira, da gente perder a individualidade enquanto mulher...”. Além disso, com a observação da maternidade de outras mulheres, a participante Maria expôs como isso impactou sua escolha por não ser mãe:

“Uma das coisas que eu acho que impactam muito na minha decisão de não ser mãe é ser testemunha da maternidade de outras mulheres. Eu percebo que é muito comum que as minhas amigas (...) entrem em um estado de muito sofrimento relacionado a isso. Nada se adapta a elas. O trabalho não se adapta a elas. Se elas têm companheiros ou companheiras, o cuidado é sempre restrito, ou pelo menos a maior parte, fica com elas (...). Eu não vejo na minha vida uma disponibilidade pra isso (...), e esse desejo é ausente em mim. Ausente, porque eu vejo que não dialoga com a vida que eu quero ter, não dialoga com meu projeto de vida...”.

A partir da declaração de Raquel e Maria, pode-se averiguar o entendimento de que a maternidade pode resultar em uma perda considerável de individualidade e autonomia. Tendo em vista que o papel materno demanda a assunção de responsabilidades substanciais por um ser humano em desenvolvimento até que este alcance a independência financeira, social e emocional. Ademais, a dedicação requerida para a criação de um filho pode limitar a capacidade da mulher de preservar sua identidade pessoal e seus projetos individuais,

simbolizando as aflições envolvidas entre a realização pessoal e os requisitos atrelados ao papel materno.

Para as mães participantes, a experiência da maternidade resultou em uma reconfiguração da identidade e no fortalecimento de concepções pessoais. Carolina compartilhou: “A partir do momento que me tornei mãe, percebi ser mais forte, mais paciente e resiliente do que imaginava.” A fala mostra como a maternidade pode fortalecer habilidades e características pessoais antes pouco reconhecidas. Em vista disso, o papel materno é visto não apenas como uma função social, mas também como uma oportunidade de desenvolvimento pessoal e resiliência. Estudos como o de Zanatta, Rubin Rossato Pereira e Pansard Alves (2017) corroboram essa perspectiva, destacando as transformações vividas pelas mulheres na primeira experiência materna, que contribuem para o crescimento pessoal e adaptação a novas dimensões da identidade feminina.

Além disso, a maternidade é caracterizada por um processo de aprendizagem contínua, onde as mães desenvolvem uma maior maturidade e responsabilidade. A capacidade de ser mais paciente e centrada, mencionada por Alice, retrata a adaptação às necessidades da maternidade e a transição pessoal que ela pode proporcionar:

“Eu não me reconheço hoje, digamos assim, quando a gente tem aquelas lembranças de Facebook. Quando eu era um ano atrás, antes da maternidade, minha cabeça mudou total. Eu sou mais centrada. Eu penso duas vezes antes de qualquer decisão, principalmente da parte financeira. Eu sou muito mais responsável agora (...)”

Portanto, as mudanças vivenciadas pelas participantes podem evidenciar o emaranhado de questões envolvendo a maternidade, demonstrando que a experiência pode ser tanto uma fonte de crescimento pessoal quanto de desafios e obstáculos. A maternidade, por conseguinte, é uma experiência que molda e redefine a identidade das mulheres de maneiras

diversas, tornando evidente a interação entre a preservação da individualidade e a adaptação às novas demandas da vida materna (Zanatta et. al, 2017; Borsa e Dias, 2007).

MATERNIDADE: ENTRE O IDEAL E O REAL

A maternidade enquanto construção, exaltada em discursos culturais e sociais, tende a criar um contraste com a realidade vivida por muitas mulheres. Tal percepção do ideal, impregnado por concepções de amor incondicional e realização pessoal, é formado por narrativas que posicionam a maternidade como um destino natural e desejável para todas as mulheres (Colares & Martins, 2016). Dessa forma, a idealização não só impõe pressões significativas sobre aquelas que não seguem esse caminho, mas também pode obscurecer e desvalorizar as complexidades e desafios reais da experiência de mulheres que desempenham a função de mãe.

A maternidade pode ser entendida tanto como uma função social quanto afetiva (Clemens, 2015). Nesse contexto, a concepção de que a maternidade é um pilar essencial para a realização feminina perpetua a ideia de que todas as mulheres devem vivenciar um amor instintivo e pleno durante a gestação e a criação dos filhos, desconsiderando a necessidade de construção e manutenção desse vínculo ao longo do tempo (Badinter, 1985). Assim, pode-se observar o maternar, para além de um fenômeno biológico, representando uma experiência imbuída de desafios e nuances que muitas vezes são ignoradas ou minimizadas nas representações culturais predominantes.

Sob esse concepção, Sofia forneceu uma reflexão perspicaz sobre a discrepância entre o ideal e a realidade da maternidade ao afirmar:

"Eu acho que esses estereótipos da maternidade para a mulher são uma forma de desumanização, em certa medida. Porque tira o sentido humano do errar, do poder sentir dor, do poder sentir limitação, do poder sentir dúvida (...) E aí é como se ela se

transformasse automaticamente, se tornasse mãe, mas na verdade é uma construção. (...) é uma carga muito grande também para as mulheres que decidem. E mesmo para aquelas que não escolhem diretamente, que acabam gestando por diversos fatores. (...) percebo isso muito também na minha percepção como filha. Só a maturidade foi me trazendo essa compreensão. (...) quando eu era criança, via minha mãe nesse cenário de porto seguro, de saber tudo. E com o tempo, me tornando mulher, criando a responsabilidade, percebendo o que é ser uma mulher adulta no mundo, comecei a perceber que ela também era uma mulher adulta. (...) ela aprendeu a ser mãe comigo, do mesmo jeito que estava também aprendendo a ser adulta na vida..."

A linha de pensamento exposta pela participante Sofia aponta a maneira como os estereótipos maternos podem abreviar a complexidade da experiência materna a um padrão que não condiz com a realidade vivenciada. Caracterizar de forma reducionista a maternidade é, de certa forma, ignorar a subjetividade e a contínua adaptação envolvidas na trajetória de uma mulher, apresentando-a como um condição de realização absoluta e inquestionável, enquanto desconsideram as dificuldades reais e o processo de aprendizagem que caracteriza a experiência de se tornar mãe (Badinter, 1985).

Além disso, a pressão para aderir ao ideal materno pode resultar em estigmatização significativa para aquelas que não se ajustam a essas expectativas. Luiza apresenta seu desconforto perante as críticas que recebe: "Eu já ouvi muitas vezes, sabe, comentários, tipo assim, ah, porque, não sei, não vejo você com seus filhos, não vejo você em casa." A fala de Luiza mostra como o ideal social da maternidade pode levar a julgamentos e críticas sobre mulheres que não seguem o modelo tradicionalmente difundido, que acabam por desconsiderar a diversidade de escolhas e a vivência individual de cada mulher.

Tendo em vista as falas expostas, pode-se perceber como a exaltação da maternidade não apenas marginaliza aquelas que optam por não ter filhos, como também pode ter um impacto prejudicial na saúde mental das mulheres que são mães. A pressão para atender a padrões frequentemente inatingíveis pode induzir estresse e outras condições adversas (Lipp, 2000). A tentativa de cumprir com expectativas idealizadas pode resultar em adoecimento físico e mental, revelando a necessidade de uma abordagem mais realista e inclusiva sobre a maternidade (Cunha et. al, 2020).

IMPACTOS PROFISSIONAIS ASSOCIADOS À MATERNIDADE

Embora na contemporaneidade a maternidade seja cada vez mais percebida como uma escolha — especialmente em face das significativas mudanças sociais em relação aos papéis de gênero —, ela continua a ser socialmente reafirmada como uma função quase inevitável e intrínseca à condição feminina (Donath, 2017; Novelino, 1988; Chodorow, 1978). Essa concepção tradicional perpetua a ideia de que a realização pessoal da mulher deve estar associada ao papel de mãe, um conceito que, mesmo no contexto contemporâneo, mantém uma influência significativa sobre as expectativas e escolhas que as mulheres enfrentam ao longo de suas vidas (Donath, 2017).

O Decreto nº 21.417/1932, promulgado durante o governo de Getúlio Vargas, foi um marco na defesa dos direitos trabalhistas das mulheres no Brasil, garantindo proteções importantes, como a segurança durante a gravidez (Decreto nº 21.417-A, 1932). Apesar desse avanço, o mercado de trabalho permaneceu desafiador para as mulheres. Mesmo com o aumento da visibilidade profissional ao longo das décadas, a reação à gravidez no ambiente organizacional muitas vezes não foi favorável. Empresas, por anos, impuseram restrições à contratação de mulheres em idade fértil, temendo os custos da maternidade (Beltrame e Donelli, 2012).

Paralelamente, a busca das mulheres por satisfação pessoal e crescimento individual, elementos essenciais na constituição de sua identidade, continua a ser circunscrita por valores culturais. Mesmo com o direito ao trabalho e à escolarização assegurados, as mulheres, especialmente das camadas médias, ainda enfrentam a atribuição de funções tradicionais como submissão, abnegação, tarefas domésticas e cuidados infantis (Biasoli-Alves, 2000).

Nesse sentido, observa-se no atual século uma mudança na postura das empresas, em grande parte devido ao amadurecimento profissional das mulheres e ao aumento da competitividade no mercado de trabalho (Ueno, 2010). Contudo, a pressão para equilibrar carreira e vida pessoal persiste. De acordo com Almeida e Santos (2018), muitas profissionais enfrentam a dificuldade de equilibrar as demandas profissionais com as exigências da maternidade, o que constantemente resulta no adiamento da decisão de ter filhos.

Essa dinâmica pode ser refletida nas narrativas das participantes da presente pesquisa. A participante Sofia, que optou por não ser mãe, explica que sua decisão foi movida pela sobrecarga que a maternidade impõe às mulheres:

“Eu sou servidora pública, já sou concursada. Segui na minha carreira acadêmica desde a escola, fui para a graduação, pós-graduação, etc. E eu gosto muito de desenvolver essas atividades do campo profissional. Sei que a maternidade, por mais que não seja um impedimento, torna mais difícil.”

Clara, também sem filhos, reforça essa visão ao mencionar as responsabilidades inerentes à maternidade, que ela acredita serem extenuantes:

“(…) o tanto que isso traz de responsabilidades atreladas, então você não só trabalha, você tem uma outra função a ser executada 24 horas por dia. Então isso eu imagino que seja muito cansativo e nunca me atraiu o excesso de demandas.”

Para a participante, o peso das exigências contínuas que a maternidade implica é um fator decisivo para sua escolha de não ter filhos, demonstrando a percepção de que a maternidade pode ser um fardo adicional à vida profissional.

Destarte, a experiência de Alice, que é mãe, aponta os desafios enfrentados por aquelas que decidem conciliar carreira e maternidade. Ela descreve as contrariedades de se formar enquanto estava grávida e a falta de suporte adequado durante esse período:

“Eu me formei grávida. Então, se não fossem anjos da vida pra me ajudar a me formar, eu não conseguiria. Por conta da assistência. Muitos dizem que a maternidade é linda. Mas na hora de dar o suporte que uma pessoa grávida precisa, ele não dá.”

Além disso, Alice menciona o cansaço de ser uma mãe que trabalha fora de casa, sentindo-se constantemente dividida entre as responsabilidades profissionais e familiares:

“É extremamente cansativo ser uma mãe que trabalha fora. Até porque, se eu tô lá fora, eu tô faltando em casa. Se eu tô lá dentro de casa, eu tô faltando lá fora. Eu sempre saio perdendo, de certa forma.”

Os depoimentos expostos revelam os impactos profissionais diretamente associados à maternidade. Embora a sociedade tenha avançado em termos de igualdade de gênero e proteção dos direitos das mulheres, a maternidade ainda impõe desafios ao equilíbrio entre vida pessoal e profissional. Os relatos da amostra mostram como as escolhas das mulheres nesse contexto são moldadas por expectativas sociais, pela realidade do mercado de trabalho e pelas especificidades da maternidade.

A MATERNIDADE COMO EXPERIÊNCIA HUMANA

À luz das temáticas discutidas, torna-se necessário refletir sobre as ações que as futuras gerações devem adotar para abordar a maternidade de maneira mais crítica e informada. A maternidade, como já analisado, vai além de uma escolha individual; ela está profundamente conectada a contextos sociais, culturais e econômicos que moldam essas decisões.

Sob esse viés, Jean-Paul Sartre define liberdade como a capacidade de fazer escolhas dentro das condições impostas ao indivíduo, onde a liberdade não significa ausência de restrições, mas a possibilidade de agir mesmo em meio a essas limitações (Sartre, 1997; Schneider, 2011). Associando esse conceito à maternidade, as escolhas das mulheres em relação a se tornarem mães podem não ocorrer em um contexto de liberdade irrestrita, mas sim sob a influência de pressões sociais, culturais e econômicas que restringem essa liberdade. Isso significa que, para muitas mulheres, a decisão de se tornarem mães é afetada por uma miríade de fatores externos, que muitas vezes limitam a verdadeira autonomia de escolha.

As narrativas das participantes da pesquisa revelam a intrincada natureza dessa temática. Clara, uma das entrevistadas, aponta a uma contradição notória:

“Existem mais oportunidades quando não se tem filhos (...) a pressão é para ter filhos, mas do ponto de vista profissional, as mulheres que não os têm (...) são mais privilegiadas nas oportunidades.”

Tal realidade mostra o cenário repleto de dubiedades onde a mulher contemporânea está inserida, que deve conciliar as demandas da maternidade com as exigências de um mercado de trabalho que, frequentemente, desfavorece essa escolha. Essa contradição está profundamente enraizada no que Badinter (1985) identifica como a construção histórica da

maternidade como o centro da identidade feminina, uma ideia que continua a influenciar as oportunidades e decisões das mulheres.

Para superar essas barreiras e fomentar uma discussão mais aprofundada e substancial sobre a maternidade, a educação se apresenta como um alicerce essencial. A participante Clara propõe: “Educação (...) falar sobre direitos reprodutivos, falar sobre consequências, planejamento familiar (...) esse tipo de coisa resolveria.” Essa sugestão encontra respaldo em teóricos como Giddens (1993), que sustenta que a verdadeira emancipação das mulheres está intrinsecamente ligada ao acesso a uma educação que cultive a consciência crítica, capacitando-as a fazer escolhas informadas sobre suas trajetórias reprodutivas.

Entretanto, mesmo diante das adversidades apresentadas, a maternidade também pode ser uma fonte de enriquecimento pessoal, como expressa pela participante Luiza: “A maternidade é uma jornada difícil, mas também é uma das mais gratificantes.” A visão de Luiza ecoa as ideias de Winnicott (1956), que enxerga na maternidade uma oportunidade para um desenvolvimento emocional significativo, tanto para a mãe quanto para o filho.

A experiência da Laura destaca a importância da preparação e do conhecimento na tomada de decisões sobre a maternidade:

“(...) quando eu optei por ser mãe, então desde o início eu pesquisei, inclusive sobre a gestação, então eu sabia o que estava acontecendo com o meu corpo (...). E depois, ele ia nascer, e o que ia acontecer comigo? Aquela história hormonal, e que eu ia ter crise de choro, e que eu ia ter várias crises de existência, e eu sabia que naquele momento era natural, o que eu estava sentindo era natural, (...). Mas algumas mulheres, elas não sabem que aquilo é natural (...) porque elas não entendem que aquilo ali faz parte do nosso corpo (...) então eu acho que também a maternidade, se você buscar conhecimento, como qualquer coisa na sua vida, entender a função, entender como é que funciona (...), é mais fácil de você lidar.”

Dessa forma, para que a jornada da maternidade seja vivida de maneira saudável, é necessário que a escolha — ou mesmo a ausência de escolha, no caso de mães não planejadas — seja informada e minimamente desprendida de pressões externas e expectativas culturais. Além disso, reconhecer que visões romantizadas sobre o papel materno influenciam a relação das mulheres com a maternidade é fundamental. Pois, elas enfrentam não só as demandas de criar um filho, mas também a pressão de atender aos padrões considerados adequados pela sociedade (Donath, 2017).

Ademais, Sofia fala sobre a importância de desmistificar a maternidade e promover uma rede de apoio que permita às mulheres fazerem escolhas reais: “Acho que (...) é tirar esse selo romantizado da maternidade (...) para que a mulher de fato tenha escolha.” Essa perspectiva ressalta a necessidade de questionar as narrativas culturais que impõem a maternidade como um destino inevitável para as mulheres.

Mais do que uma consideração sobre a maternidade, a temática desta pesquisa busca fomentar o debate acerca do respeito à autonomia feminina e à capacidade das mulheres de tomar decisões livres e informadas. No campo da psicologia, reconhece-se que as pressões sociais e culturais frequentemente moldam identidades de maneira restritiva, limitando a expressão plena do indivíduo (Batista e Ohara, 2020). Ainda assim, é fundamental que as mulheres tenham a liberdade de escolher seus próprios caminhos, seja na maternidade ou em outras esferas da vida, sem serem limitadas por papéis tradicionalmente impostos. Nesse contexto, ecoam as palavras de Simone de Beauvoir: “Que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância” (Beauvoir, 1949, p. 13).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou ampliar a compreensão sobre a construção social da maternidade, analisando as percepções de mulheres que vivenciam diferentes trajetórias, tanto aquelas que assumiram a maternidade quanto as que optaram por não ter filhos. A pesquisa abrangeu 8 participantes, igualmente divididas entre mães e mulheres que manifestaram desinteresse pela maternidade, com idades entre 25 e 35 anos, todas pertencentes à classe média.

Os resultados indicam que, apesar dos avanços na redefinição dos papéis de gênero, a maternidade continua sendo uma questão central na vida das mulheres, fortemente moldada por expectativas sociais. Mesmo com as transformações políticas e sociais que têm redimensionado o papel da mulher no tecido social, a maternidade ainda é comumente interpretada como um destino natural. Contudo, a crescente sensibilização para as múltiplas maneiras de experienciar a feminilidade, bem como para as vias de realização pessoal que transcendem o âmbito da maternidade, demonstram a imperatividade de uma revisão crítica dos ideais sociais que constroem as escolhas das mulheres.

Apesar das limitações deste estudo, como o número reduzido de participantes, ele oferece contribuições relevantes que podem gerar futuras discussões e estimular a produção de novos conhecimentos. As entrevistas demonstraram a necessidade de desmistificar a maternidade, reconhecendo tanto os desafios quanto as recompensas envolvidas nessa experiência. Nesse sentido, é importante fomentar novas pesquisas que possam contribuir para acolher a pluralidade das escolhas femininas, promovendo condições que favoreçam decisões informadas e construídas com autonomia, seja no contexto da maternidade ou em outras esferas da vida feminina.

Portanto, o presente estudo reafirma a imperiosa necessidade de entender a maternidade como uma construção dentro do corpo social, moldada por contextos individuais

e culturais diversos. A análise e exploração contínua dessas nuances pela psicologia revela-se vital para o progresso em direção a uma sociedade que não apenas reconheça, mas também celebre a pluralidade das identidades e escolhas femininas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abranches, M. R. J. (1990). *Maternidade: Sim ou Não? Por quê?* (Dissertação de Mestrado, Centro de Pós-graduação de Psicologia, Instituto Superior de Estudos e Pesquisas, FGV, Rio de Janeiro). Instituto Superior de Estudos e Pesquisas.
<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/9808/000055158.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Aguiar, D. T., Silveira, L. C., & Dourado, S. M. N. (2011). *A mãe em sofrimento psíquico: objeto da ciência ou sujeito da clínica?* *Esc Anna Nery*, 15(3), 622-628.
<https://doi.org/10.1590/S1414-81452011000300026>
- Almeida, V. C. de, & Mota-Santos, C. M. (2018). *Trabalho, carreira e maternidade: Perspectivas e dilemas de mulheres profissionais contemporâneas*. *Revista de Administração: Ensino e Pesquisa*, 19(3).
<https://doi.org/10.13058/raep.2018.v19n3.1119>
- Antoniazzi, A. S. (2021). *Maternidade e trabalho: desafios e conciliações*. *Revista de Psicologia*, 29(1), 22-35.
- Ariès, P. (1978). *História social da infância e da família*. Rio de Janeiro: LCT.
- Badinter, E. (1985). *O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Barbosa, A. L. G., & Rocha-Coutinho, M. L. (2007). *As novas representações da maternidade e da paternidade: a difícil tarefa de educar*. *Psicologia Clínica*, 19(2), 101-113.
- Batista, I. R., & Ohara, T. (2020). *Identidade na psicologia social: Uma revisão*. Faculdade de Apucarana (FAP).
- Beauvoir, S. de (1949/2014). *O segundo sexo*. (S. Millet, Trad.). Editora Nova Fronteira.

- Beltrame, G. R., & Donelli, T. M. S. (2012). *Maternidade e carreira: Desafios frente à conciliação de papéis*. Aletheia, 38-39, 206-217.
- Bonini-Vieira, A. (1997). *Definidas pela negação, construídas na afirmação: A perspectiva de mulheres não mães sobre a maternidade e seu projeto de vida*. (Dissertação de Mestrado, EICOS, Universidade Federal do Rio de Janeiro).
- Biasoli-Alves, Z. M. M. (2000). *Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 16(3), 233-239.
<https://www.scielo.br/j/ptp/a/kj9szsyzT59MGzyQc3d7xnf/?format=pdf&lang=pt>
- Borsa, J. C., & Dias, A. C. G. (2007). *Considerações acerca da relação Mãe-Bebê da Gestação ao Puerpério*. Revista Contemporânea Psicanálise e Transdisciplinaridade, 2, 310-21.
- César, R. C. B., Loures, A. F., & Andrade, B. B. S. (2019). *A romantização da maternidade e a culpabilização da mulher*. Revista Mosaico, 10(2), 68-75.
<https://doi.org/10.21727/rm.v10i2Sup.1956>
- Clemens, S. L. (2015). *The maternal instinct: Science and myth*. Psychology Today, 48(2), 34-38.
- Colares, M., & Martins, C. (2016). *A maternidade na contemporaneidade: Entre o ideal e o real*. Psicologia & Sociedade, 28(1), 160-169.
- Correia, M. V. S., Santos, T. L. N. dos, & Acácio, K. H. P. (2023). *A romantização da maternidade nos dias atuais e os impactos causados na vida das mulheres*.
<https://periodicos.set.edu.br/fitshumanas/article/view/11112>

- Cunha, G. R., Nunes, M. A., & Ceitlin, L. H. F. (2020). *Impactos da idealização da maternidade na saúde mental de mulheres*. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, 42(3), 195-200.
- Del Priore, M. (1990). *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colonial*. (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo).
- Donath, O. (2017). *Mães Arrependidas: Uma outra visão da maternidade*. (M. Vargas, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Brasil. (1932). *Decreto n° 21.417-A, de 17 de maio de 1932*. Diário Oficial da União, Brasília.
- Emídio, T. S., & Gigeck, T. (2019). *Elas não querem ser mães: algumas reflexões sobre a escolha pela não maternidade na atualidade*. Trivium: Estudos Interdisciplinares, 11(2), 186-197.
- Farinha, A. J. Q., & Scorsolini-Comin, F. (2018). *Relações entre não maternidade e sexualidade feminina: Revisão integrativa da literatura científica*. Revista de Psicologia da IMED, 10(1), 187-205.
<http://dx.doi.org/10.18256/2175-5027.2018.v10i1.2316>
- Fernandes, E., & Lacerda, M. M. (2012). *Sem filhos por opção: casais, solteiros e muitas razões para não ter filhos*. São Paulo: Nversos.
- Iaconelli, V. (2023). *Manifesto Antimaternalista: Psicanálise e Políticas da Reprodução*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Leite, R. R. Q., & Frota, A. M. M. C. (2014). *O desejo de ser mãe e a barreira da infertilidade: uma compreensão fenomenológica*. Revista da Abordagem Gestáltica, 20(2), 151-160.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-6867201400020002

- Lipovetsky, G. (2000). *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Mosquera, J. J. M., & Stobäus, C. D. (1982). Vida Adulta: Visão Existencial e Subsídios para Teorização. *Educação*, 5, 94-112.
<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4292>
- Novelino, A. M. (1988). *Maternidade: um perfil idealizado*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo. <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1193>
- Piccinini, C. A., Gomes, A. G., Nardi, T. C. M., & Lopes, R. de C. S. (2008). *Gravidez e maternidade: vivências e expectativas da mãe e do pai*. *Psicologia em Estudo*, 13(1), 41-50.
- Santos, B. S. dos, & Antunes, D. D. (2007). *Vida adulta, processos motivacionais e diversidade*. *Educação*, 30(1).
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/544>
- Sartre, J.-P. (1997). *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. (2ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Schneider, D. R. (2011). *Sartre e a Psicologia Clínica*. Florianópolis: Ed. da UFSC.
- Siqueira Damaceno, N., Ruben Calaça Di Menezes, N., & Paula Marciano, R. (2022). *As Representações Sociais da Maternidade e o Mito do Amor Materno*. *Perspectivas Em Psicologia*, 25(1).
<https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/56484>

- Souza, L. K. de. (2019). *Pesquisa com análise qualitativa de dados: Conhecendo a análise temática*. Arquivos Brasileiros de Psicologia, 71(2), 51-67.
<https://doi.org/10.36482/1809-5267.ARB2019v71i2p.51-67>
- Strapasson, M. R., & Nedel, F. B. (2010). *A maternidade e suas mudanças na primeira experiência materna*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 26(1), 89-97.
- Ueno, J. (2010). *A difícil escolha entre ter uma carreira profissional e ser mãe: O mercado de trabalho adia cada vez mais o sonho da gravidez*. Minha Vida. Disponível em <https://www.minhavidade.com.br/familia/materias/2034-a-dificil-escolha-entre-ter-uma-carreira-profissional-e-ser-mae>
- Zanatta, E., Rubin Rossato Pereira, V., & Pansard Alves, L. (2017). *Primeira experiência materna: impactos no desenvolvimento pessoal e na identidade feminina*. Revista Psicologia: Teoria e Prática, 19(3), 65-79.
- Zanello, V. (2018). *Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: Cultura e Processos de Subjetivação*. Curitiba: Appris.
- Zulato-Barbosa, P., & Rocha-Coutinho, M. L. (2003). *Maternidade: novas possibilidades, antigas visões*. Psicologia Clínica, 15(2), X-Y.
<https://doi.org/10.1590/S0103-56652007000100012>
- Zulato-Barbosa, P., & Rocha-Coutinho, M. L. (2012). *Ser mulher hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos*. Psicologia & Sociedade, 24(3), 577-587.
<https://www.scielo.br/j/psoc/a/4gj5xxSFGxWmzmWBq3r534Q/?format=pdf&lang=pt>

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE ACEITE



TERMO DE ACEITE DE ORIENTAÇÃO

À Coordenação do Trabalho de Curso

Comunico a esta coordenação que assumi a orientação do Trabalho de Curso – TC, de acordo com as informações a seguir.

Tema: A constituição social da maternidade

Aluno(a): Dahla Clementino de Vasconcelos

Aluno(a): _____

Aluno(a): _____

Tipologia do projeto de TC:

Artigo: () Revisão (X) Pesquisa aplicada

() Portfólio

() Produto

Atenciosamente.

Zakie C. Mufamej Hoay
Assinatura do Professor(a) Orientador(a)

Belém, 16 de setembro de 2023.

APÊNDICE B - CARTA CONVITE

O conteúdo a seguir será usado em uma arte digitalizada para divulgação

RECONSTRUINDO A MATERNIDADE: EVOLUÇÃO, EXPECTATIVAS E ESCOLHAS A PARTIR DA NARRATIVA DE MULHERES

Olá! Sou Dalila Clementino de Vasconcelos, estudante de Psicologia no 8º semestre, e estou conduzindo uma pesquisa sobre a maternidade como parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Minha orientadora, a Profa. Dra. Zakiee Castro Hage, está me apoiando nesta jornada.

Estamos investigando como a maternidade é percebida por mulheres, tanto por aquelas que escolheram ser mães quanto por aquelas que optam por não seguir esse caminho. Queremos entender as complexidades e nuances que envolvem esse aspecto crucial da vida de muitas mulheres.

Convidamos você a compartilhar suas perspectivas, queremos ouvir suas histórias, suas experiências e opiniões sobre a maternidade. Se você é uma mulher entre 25 e 35 anos, seja mãe ou não, a sua participação é valiosa.

Critérios de participação:

Ser mulher entre 25 e 35 anos.

Ser mãe ou não ter interesse em ser mãe.

Como participar?

Se você se enquadra nos critérios e deseja fazer parte desta pesquisa, clique no link a seguir para se inscrever: [Link de Inscrição]

Sua participação será anônima e confidencial. Juntas, podemos contribuir para uma compreensão mais completa e humana da maternidade na sociedade.

Obrigada por considerar participar e por ajudar a tornar este TCC uma pesquisa significativa! Se tiver alguma dúvida, sinta-se à vontade para entrar em contato através do e-mail: dalila20330069@aluno.cesupa.br

Compartilhe com outras mulheres que possam estar interessadas em participar!

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO PARÁ – CESUPA

ÁREA DE CIÊNCIAS AMBIENTAIS, BIOLÓGICAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

Aluna pesquisadora: Dalila Clementino de Vasconcelos

Orientadora: Profa. Dra. Zakiee Castro Mufarrej Hage

Título da pesquisa: Reconstruindo a Maternidade: Uma Análise das Pressões

Sociais e das Escolhas Individuais a Partir da Narrativa de Mulheres.

Informações sobre o projeto dadas aos participantes:

Você está sendo convidada a participar de um estudo intitulado “*Reconstruindo a Maternidade: Evolução, Expectativas e Escolhas a Partir da Narrativa de Mulheres*” cujo principal objetivo é aprofundar a compreensão das perspectivas das mulheres diante da construção social da maternidade. A sua participação neste estudo consistirá em responder a uma entrevista semiestruturada, conduzida de forma remota via Google Meet. A entrevista incluirá questões abertas destinadas a explorar as suas experiências e opiniões sobre a maternidade. É importante ressaltar que todas as informações obtidas serão estritamente utilizadas para fins de pesquisa e poderão ser divulgadas somente em contextos acadêmicos, como eventos científicos, garantindo assim a confidencialidade e a privacidade dos dados. Para a sua tranquilidade, gostaríamos de esclarecer que a sua participação neste estudo não apresenta riscos diretos à sua integridade física. No entanto, existe a possibilidade teórica de quebra do sigilo das informações. Por isso, gostaríamos de reforçar que todas as medidas de segurança serão adotadas para proteger a sua privacidade. Os seus dados pessoais, incluindo o seu nome, serão estritamente confidenciais e não estarão associados às suas respostas na

pesquisa. Os questionários não serão identificados por nome, mas sim por um número exclusivo. Além disso, as respostas da entrevista serão tratadas com sigilo absoluto. É importante informar que os dados coletados durante o estudo serão mantidos pelos pesquisadores e posteriormente excluídos após um período de cinco anos a partir da conclusão da pesquisa. Esta medida visa garantir a segurança e a privacidade dos dados. Caso, em algum momento, você sinta que a sua participação no estudo causou algum tipo de desconforto ou dano, os pesquisadores estarão prontos para fornecer qualquer assistência necessária, incluindo reparação ou correção de eventuais danos.

Participar deste estudo pode trazer benefícios significativos, não apenas para a pesquisa, mas também para a sociedade em geral. A sua contribuição ajudará a proporcionar uma visão mais realista e abrangente do papel da maternidade na sociedade contemporânea. Além disso, ao compartilhar as suas experiências, você estará promovendo o respeito pelas escolhas individuais das mulheres no que diz respeito à maternidade. O estudo também tem o potencial de enriquecer o campo da psicologia e dos estudos de gênero, oferecendo percepções valiosas sobre as perspectivas das mulheres em relação à maternidade.

Gostaríamos de enfatizar que a sua participação neste estudo é totalmente voluntária. Você tem o direito de recusar o convite para participar a qualquer momento, sem a necessidade de justificar a sua decisão. Além disso, caso você decida se retirar da pesquisa em qualquer momento, isso não acarretará em qualquer prejuízo ou consequência negativa para a sua pessoa. Se tiver alguma dúvida ou necessitar de esclarecimentos adicionais, não hesite em entrar em contato com as pesquisadoras responsáveis: Profa. Dra. Zakiee Castro Mufarrej Hage, Av. Gov. José Malcher, 1963 – Nazaré, Belém - PA, 66060-230, (91) 4009-9100, zakiee.hage@prof.cesupa.br ou com a aluna do Curso de Psicologia do CESUPA, Dalila Clementino de Vasconcelos, dalila20330069@aluno.cesupa.br , [REDACTED].

DECLARAÇÃO:

Eu, _____, *brasileira*, _____
anos de idade, _____ (*estado civil*), *RG n°* _____,
residente em _____ (*cidade e estado*), *declaro ter sido orientada*
quanto ao teor do aqui mencionado e compreendido a natureza e objetivo do já referido
estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que
não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Belém, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura da participante

Dalila Clementino de Vasconcelos

Zakiee Castro Mufarrej Hage

Em caso de dúvida quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa do CESUPA.

Endereço: Av. Gov. José Malcher n.1963, CEP 66060-232– Belém/PATelefone: (91) 4009-9100; e-mail:

cep@cesupa.br

APÊNDICE D - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ E VÍDEO**CENTRO UNIVERSITÁRIO DO PARÁ (CESUPA)****CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA SAÚDE****FACULDADE DE PSICOLOGIA****Termo de Autorização para Gravação de Voz e Vídeo**

Eu _____, n° de CPF _____ autorizo, por meio deste termo, as pesquisadoras realizarem a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte. Essa AUTORIZAÇÃO foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição da minha gravação;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações delas decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art. 5o, XXVIII, alínea “a” da Constituição Federal de 1988.
5. Os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob responsabilidade da pesquisadora coordenadora da pesquisa, e após esse período serão destruídos.
6. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/ Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Belém, ____ de _____ de 20____.

Assinatura da participante

Dalila Clementino de Vasconcelos

Zakiee Castro Mufarrej Hage

Em caso de dúvida quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa do CESUPA. Endereço: Av. Gov. José Malcher n.1963, CEP 66060-232– Belém/PA; Telefone: (91) 4009-9100; e-mail: cep@cesupa.br

APÊNDICE E - FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO

Prezada,

Obrigada por demonstrar interesse em participar da pesquisa conduzida por Dalila Clementino de Vasconcelos, estudante de Psicologia do 9º semestre no Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA). Esta pesquisa é parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e tem como objetivo compreender a perspectiva das mulheres diante da construção social da maternidade.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo deste estudo é investigar como as mulheres vivenciam a construção social da maternidade, tanto as mulheres que têm filhos quanto as que não têm interesse pelo papel materno. A pesquisa busca compreender as experiências, desafios e a influência das expectativas sociais relacionadas à maternidade na vida das participantes.

Procedimento de Coleta de Dados:

Se você concordar em participar, será convidada a participar de uma entrevista semiestruturada. Essa entrevista será realizada por meio de uma chamada de vídeo, consistindo em questões abertas que visam explorar sua perspectiva sobre a maternidade, com tempo médio de 40 minutos de duração.

Critérios de Inclusão:

- Para participar, é necessário atender aos seguintes critérios:
- Ser uma mulher com idade entre 25 a 35 anos.

Confidencialidade e Ética:

Todas as informações fornecidas serão estritamente confidenciais. O nome e qualquer informação pessoal identificável não serão divulgados em nenhuma circunstância. Este estudo seguirá as diretrizes éticas e regulatórias para pesquisa envolvendo seres humanos.

Próximos Passos:

Caso a participante esteja dentro dos critérios de inclusão, a equipe de pesquisa entrará em contato para agendar uma entrevista. A participação é voluntária, e a participante tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem necessidade de justificção.

Agradecemos o interesse em contribuir para esta pesquisa. Suas perspectivas são inestimáveis.

Em caso de dúvidas ou necessidade de esclarecimentos, por favor, entre em contato com Dalila Clementino de Vasconcelos pelo e-mail [REDACTED]

1. Como você ficou sabendo da pesquisa?

- Instagram
- WhatsApp
- Indicação
- Outras formas: _____

2. Qual é a sua idade?

3. Você é mãe?

- Sim
- Não

4. Caso não seja mãe, você tem interesse pela maternidade?

- Sim, tenho interesse
- Ainda não sei se tenho interesse
- Tenho pouco interesse
- Não quero ter filhos

5. Telefone para contato:

APÊNDICE F - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**BLOCO I (questões sociodemográficas)**

1. Idade:
2. Estado civil:
3. Escolaridade:
4. Profissão atual:
5. Renda familiar:
6. Você tem filhos? Se sim, quantos e quais idades
7. Você tem alguma religião? Se sim, qual?

BLOCO II

1. Quais foram as principais motivações para sua escolha de ser mãe ou não ser mãe?
Você pode compartilhar algumas experiências ou eventos que influenciaram essas motivações?

2. Como você percebe a representação da maternidade na sociedade? Você concorda com essa representação?
3. De que maneira as expectativas da sociedade em relação à maternidade influenciaram sua decisão? Você se sentiu pressionada em relação a esta decisão?
4. Você já se sentiu julgada ou incompreendida por sua escolha em relação à maternidade? Comente sobre isso.
5. Você possui uma rede de apoio? Caso sim, quem são e como você percebe o papel desta rede na sua vida?
6. Como a sua escolha por ter ou não ter filhos impactou a sua percepção de si mesma?
7. Você considera que a sociedade valoriza de maneira diferente as mulheres que são mães em comparação com as que optaram por não serem mães? Como isso afetou suas experiências?
8. Como você acredita que a sociedade poderia melhorar a forma como enxerga e apoia as escolhas das mulheres em relação à maternidade?
9. Você percebe as dificuldades da construção social da maternidade impactando a vivência de outras mulheres próximas a você? Comente sobre essa experiência.
10. Na sua perspectiva, como as mulheres podem tomar decisões mais seguras e conscientes em relação à maternidade?